

CYCLOPS

MARVEL STUDIOS

“Uma aventura solo de Scott Summers.”

O FARDO DO LÍDER

Prólogo

A cidade dormia. A lua refletia em poças de água suja espalhadas pelo asfalto, e um zumbido distante ecoava pelas ruas um som metálico, quase um lamento. Os becos estavam cheios de câmeras, todas viradas para a rua principal, como se vigiasse não apenas quem passava, mas quem ousasse pensar em passar. Uma van branca parou com os faróis desligados. Portas se abriram com um rangido. Quatro homens mascarados saíram, vestidos de preto, armados. Eles não falavam, só gesticulavam em silêncio. Um garoto de não mais que quatorze anos, sujo de fuligem e com um crachá de fábrica pendurado no pescoço, correu entre as sombras. Seus olhos brilharam, literalmente uma energia azul escapava como fumaça. Ele se escondeu atrás de uma lixeira, respirando ofegante. Os homens o encontraram em segundos, mas uma luz vermelha se projetou no capacete de um deles, escaneando o garoto da cabeça aos pés. Um som metálico, uma voz sintética:

“Mutação confirmada. Nível instável. Autorizada contenção.”

O garoto tentou reagir. Um clarão de energia saiu de suas mãos, acertando o chão e explodindo o concreto. Mas era tarde. Uma rede elétrica se fechou sobre ele, o derrubando no chão. Ele gritou, até que um dos mascarados aplicou uma seringa em seu pescoço. A van partiu, deixando apenas fumaça e o som distante das engrenagens da cidade. De longe, alguém observava tudo. O vulto manteve-se imóvel até que a rua ficou novamente vazia. Seguindo de uma voz baixa, quase um sussurro:

“Filhos da put.. eles estão caçando crianças agora?...”

Ele ajustou os óculos rubi no rosto. E então desapareceu na escuridão.

Chamado Noturno

A noite era quase sólida. Scott Summers caminhava sozinho pelo topo de um prédio abandonado, sentindo o vento frio cortar seu rosto. Cada sopro de ar parecia sussurrar ameaças invisíveis. As ruas lá embaixo estavam silenciosas demais, e a cidade parecia dormir com um olho aberto — ou melhor, observando-o.

Ele ajustou os óculos rubi, apertando a armação com o polegar. A sensação familiar de poder contido corria por seu corpo, mas não havia alívio. A responsabilidade pesava como chumbo. Ele não era apenas um mutante com lasers nos olhos; era um líder, mesmo quando sozinho, mesmo quando ninguém sabia o que ele enfrentaria. Uma mensagem codificada vibrou no seu comunicador algo que apenas ele poderia decifrar.

“Discrepância detectada. Múltiplos desaparecimentos. Prioridade máxima.”

O nome da cidade piscou: Havenbrook. Um lugar pequeno, industrial, quase esquecido, mas agora o epicentro de um perigo que ninguém mais podia enfrentar. Scott respirou fundo, fechando os olhos por um instante. Pensou em Jean, nos X-Men, na ilha de Krakoa. Normalmente, eles teriam estratégia, backup, contingência, mas agora... ele estava sozinho. E isso doía mais do que qualquer impacto físico.

Ele saltou do prédio, caindo na escuridão com precisão calculada. Cada passo que dava era medido, cada sombra observada. Havia câmeras, patrulhas e sensores, ele sabia disso, e sabia que qualquer movimento em falso poderia ser fatal. Ao chegar nas ruas, sentiu algo que não sentia há muito tempo: uma solidão absoluta, temperada por medo real. Cada rosto desconhecido era uma potencial ameaça; cada silêncio, um prenúncio de violência. Havenbrook não era mais uma cidade, era um labirinto de armadilhas invisíveis.

Scott parou diante de um beco escuro e acendeu discretamente uma tela holográfica do comunicador. Mapas, rotas, padrões de movimento, ele analisava cada dado em frações de segundo. Ele percebeu o padrão: os desaparecimentos seguiam horários precisos, sempre após pequenos abalos sísmicos na região, quase imperceptíveis, mas que para ele, treinado, pareciam assinaturas. Fechou os olhos novamente, permitindo-se sentir o peso da missão. Jovens mutantes estavam em perigo, e se ele falhasse... não haveria desculpas. O mundo não esperaria por ele.

Então, ele ouviu algo. Um som metálico distante, um arrastar que não pertencia à cidade adormecida. Seus músculos se tensionaram, sua respiração se acelerou. Ele avançou pelo beco, em passos silenciosos, com os olhos escaneando cada sombra. No fundo de sua mente, uma pergunta insistente ecoava: **"Quantos deles posso salvar antes de perder o controle?"**.

Scott sabia que não havia resposta fácil. Só havia ação.

E com isso, ele desapareceu na escuridão, cada passo mais perto de um inimigo que ele ainda não conhecia — e de dilemas que nem mesmo seus lasers poderiam resolver.

A Cidade Fantasma

Havenbrook não era uma cidade comum. À primeira vista, parecia adormecida, mas Scott Summers a conhecia melhor do que qualquer uma que morasse ali. Cada rua silenciosa, janela apagada, porta trancada, dizia algo: havia olhos observando. Não câmeras normais, mas uma vigilância meticulosa, planejada para capturar até o menor movimento de um mutante. Ele caminhava pelas ruas molhadas, a sola das botas ecoando suavemente sobre o concreto. A luz fraca dos postes lançava sombras alongadas, quase humanas, que pareciam persegui-lo. Scott sentia a tensão crescer com cada passo. Não era apenas uma missão física; era um teste psicológico. Cada escolha poderia colocar vidas em risco.

No horizonte, a silhueta de uma fábrica abandonada chamava sua atenção. Havia um cheiro de ozônio no ar, uma vibração elétrica que apenas os sentidos aguçados de Scott poderiam detectar. Algo estava sendo preparado ali. Algo perigoso. Ele se moveu pelos becos laterais, calculando cada passo. Seus olhos rubis permaneciam cobertos, mas a mente de Scott transformava o ambiente em mapas detalhados. Ele podia ver o fluxo das pessoas, a posição das câmeras, os padrões de movimento, cada detalhe relevante para não ser detectado.

Foi então que ele percebeu: sinais de luta recentes. Concretos quebrados, marcas de sangue, uma mochila caída. Cada vestígio indicava que mutantes jovens haviam sido capturados recentemente. E a sensação de urgência aumentou. Scott não podia falhar. Ele parou por um momento, encostado na parede fria de tijolos. Fechou os olhos e respirou fundo. Pensou nos rostos dos jovens desaparecidos. Ele conhecia o fardo da responsabilidade melhor do que ninguém. Se falhasse, essas vidas seriam manchadas pelo silêncio da cidade. Mas se avançasse precipitadamente, poderia agravar o perigo.

Enquanto ponderava, um som metálico ecoou à distância. Passos precisos, controlados, mas não humanos.. eram drones. Scott se abaixou instintivamente, mantendo o corpo colado à parede. Cada segundo parecia uma eternidade. Ele sentiu o peso de cada decisão: avançar ou esperar? Intervir ou observar? Cada escolha carregava o risco de destruir tudo o que tentava proteger.No instante seguinte, uma voz baixa, eletrônica, atravessou o silêncio:

“Mutação detectada. Avaliando nível de ameaça.”

Scott apertou o punho, sentindo a tensão subir ao limite. Era o primeiro aviso de que algo estava mais próximo do que imaginava. Não apenas fisicamente, mas psicologicamente, testando cada nervo, cada decisão, cada hesitação. Ele continuou, mantendo os sentidos em alerta máximo. Cada sombra era um possível inimigo, cada passo um risco calculado. Havenbrook, a cidade silenciosa, tinha se transformado em um campo de guerra invisível, na qual Scott Summers estava sozinho no centro de tudo.

Enquanto avançava, uma certeza se firmava em sua mente: **não podia falhar**. Porque no final, o fardo não era apenas salvar vidas. Era decidir até que ponto estava disposto a carregar o peso daquilo sozinho.

O Primeiro Contato

O ar na frente da fábrica abandonada estava pesado, carregado de eletricidade estática. Scott Summers se aproximou rastejando por entre os escombros, cada passo calculado para não fazer barulho. O coração batia rápido, mas sua mente permanecia fria, analisando cada detalhe. Ele sabia que qualquer movimento em falso poderia revelar sua presença e colocar vidas em risco.

À distância, viu os captores pela primeira vez: quatro homens mascarados, armados, vigiando uma porta de aço reforçada. Scott não os atacou imediatamente. Observou, estudou a rotina deles. Cada gesto, cada olhar, cada troca de posição parecia seguir um padrão rígido. A mente de Scott começou a traçar possibilidades. Ele poderia tentar entrar pela frente e eliminar o perigo rapidamente, mas isso colocaria os jovens mutantes em risco. Qualquer disparo precipitado poderia detonar sensores e armadilhas ocultas. A decisão exigia uma única coisa que estava se tornando um luxo cada vez mais raro: paciência.

Um som metálico fez Scott se encolher contra a parede. Um drone patrulhava lentamente o perímetro. Ele conteve a respiração, sentindo cada músculo se tensionar. Ao analisar rapidamente o movimento do drone, percebeu um ponto cego. Um pequeno corredor lateral poderia levá-lo direto ao armazém sem ser detectado se ele mantivesse a calma. Ele avançou, movendo-se como uma sombra. Cada passo era calculado, cada respiração medida. A tensão não vinha apenas do perigo físico, mas do peso da responsabilidade. Esses jovens não eram apenas números; eram vidas que dependiam de suas decisões.

Ao chegar à entrada do armazém, Scott parou. Pela primeira vez, pôde ouvir sons de vida humana: sussurros abafados e respirações aceleradas. Jovens mutantes estavam ali dentro, indefesos, fracos e amedrontados. Um calor de raiva e medo percorreu seu corpo, mas ele conteve a explosão emocional. Não podia permitir que o desespero guiasse suas ações. Ele tentou um contato visual rápido, usando reflexos e sombras, para não ser percebido. Estava claro que os captores eram altamente treinados e não havia chance de uma abordagem direta sem risco imediato. Scott respirou fundo e começou a traçar mentalmente o próximo passo. Foi então que algo mudou. Um dos captores aproximou-se de um jovem que tentava se mover, apontando um dispositivo estranho. Scott sentiu a urgência explodir dentro de si. Não podia hesitar.

Ele estalou os dedos, ativando o visor do óculos. Um feixe vermelho cortou o ar, um aviso silencioso: não era para atacar ainda, apenas para medir o alcance e a reação dos captores. Cada segundo contava. Cada decisão podia salvar vidas — ou condená-las. E naquele momento, Scott Summers percebeu a extensão do que estava enfrentando: isso não era apenas uma missão de resgate, era um teste de sua moral, de sua paciência, de sua capacidade de liderar sozinho. E, pela primeira vez, ele sentiu o verdadeiro peso de ser o Ciclope, e não apenas o X-Men com rajadas ópticas, mas sim o guardião de vidas mutantes inocentes, responsável por escolhas que nenhum outro teria que fazer.

O ar ficou pesado, o silêncio era absoluto. Scott avançou, cuidadosamente, sabendo que cada passo poderia ser o último.

O Vilão se Revela

Scott Summers avançava lentamente pelo interior do armazém, mantendo-se nas sombras. O cheiro de ozônio e metal queimado enchia o ar, misturado a um odor químico indefinível. Cada passo dele ecoava suavemente no espaço vazio, mas o som não parecia perturbar ninguém..ou talvez perturbar exatamente quem ele não podia ver.

Então, uma luz azulada surgiu no centro do armazém. Um holograma oscilante se materializou, projetando a figura alta e imponente do Senhor Sinistro. A pele pálida, os olhos vermelhos penetrantes e o sorriso frio eram impossíveis de ignorar. Ele falou, sua voz metálica reverberando pelo espaço:

“Ah... Scott. Vejo que você decidiu se aventurar sozinho. Admirável... e tolo ao mesmo tempo.”



Scott parou, cada músculo tenso. A presença de Sinistro não era apenas física; era psicológica, esmagadora. Cada palavra carregava intenção, cada gesto manipulava o ambiente ao redor.

“Estão todos aqui, não é mesmo?” — Scott disse, mantendo a voz firme, tentando esconder a raiva e o medo.

“Sim, seus jovens protegidos. Mas eu me pergunto: quantos deles você está disposto a sacrificar para salvar o que resta da sua raça?”

O holograma começou a se mover, seus olhos fixos nos de Scott como se penetrassem sua mente. Sinistro projetou imagens fugazes: jovens mutantes em cativeiro, monstros

geneticamente alterados, rostos distorcidos de conhecidos X-Men. Tudo manipulando a psique de Scott, testando seu autocontrole. Ele respirou fundo, controlando a tensão que ameaçava dominá-lo. Cada fibra de seu corpo queria reagir, atacar imediatamente, destruir Sinistro e resgatar os mutantes. Mas ele sabia: qualquer impulso precipitado podia custar vidas inocentes.

“Não é apenas sobre salvar vidas, Ciclope...” — continuou, sua voz suave e cruel — ***“é sobre decidir quem merece viver. E, às vezes, o líder precisa fazer escolhas que nem os olhos mais precisos conseguem suportar.”***

Scott sentiu o peso da declaração. Ele sempre acreditou que liderança significava proteção, mas agora cada escolha parecia envolta em escuridão. Cada passo em falso poderia transformar o salvador em assassino. Ele apertou os punhos, sentindo a raiva fervendo, mas contida. Seus pensamentos correram rápido: analisar o terreno, avaliar padrões, prever movimentos. Sinistro queria quebrá-lo psicologicamente antes de confrontá-lo fisicamente.

E estava conseguindo.

“Você acha que está preparado para isso, Scott Summers? Para carregar fardos que nenhum outro poderia suportar?”

Scott respirou fundo, sentindo o peso de todas as decisões da sua vida. Não era mais apenas sobre poderes, lasers ou estratégia. Era sobre ética, responsabilidade e moralidade. Era sobre ser o Ciclope que liderava sozinho, sem rede de segurança.

“Preparado ou não, eu não vou falhar.” — sua voz saiu firme, quase sussurrando, mas carregada de determinação. O holograma de Sinistro se desfez em fragmentos de luz azulada, deixando um silêncio mortal. O ar parecia pesado demais para respirar. Mas Scott sabia: o verdadeiro desafio apenas começava. Ele deu o primeiro passo para o núcleo da operação, sabendo que cada movimento dali em diante seria um teste físico, estratégico e moral, e que Sinistro estava observando cada pensamento seu.

Armadilha Mental

Scott avançava cautelosamente pelo corredor principal da instalação, os olhos cobrindo cada sombra, cada detalhe. Mas algo parecia errado. O ar estava mais denso, pesado como se respirá-lo fosse um esforço. O ambiente começou a distorcer-se diante de seus olhos: paredes alongadas, pisos que pareciam afundar, portas que levavam a lugar nenhum. Ele parou, percebendo que não era uma falha física da construção.. era psicológica. Sinistro estava jogando com sua mente. Scott respirou fundo, tentando distinguir realidade de ilusão, mas mesmo com anos de treinamento e disciplina, era impossível não sentir o efeito do poder do vilão.

Então surgiram imagens em sua mente. Inicialmente Jean, ferida e implorando por ajuda, mas a cada passo que ele dava, ela parecia mais distante. Em seguida Logan, gritando instruções contraditórias, confundindo o seu julgamento. Charles decepcionado e caindo em desgosto. Hank, Ororo, Marie e os demais mutantes mortos, seus corpos espalhados pelo

instituto. O som de jovens mutantes presos se misturava com ecos de seus próprios erros passados, criando uma cacofonia de culpa e desespero. Scott apertou os punhos. Cada músculo de seu corpo estava tenso, não por ataque físico, mas por esforço mental. Ele podia sentir a energia psíquica manipulando seu foco, provocando dúvidas, mexendo com sua moral e seu autocontrole.

“Você se chama líder, Ciclope...” — uma voz ecoou, suave e venenosa — ***“mas será capaz de liderar quando ninguém pode ver? Quando cada decisão pode condenar aqueles que você jura proteger?”***

Scott fechou os olhos, tentando acalmar-se. Ele precisava se concentrar, separar o real do ilusório. Cada memória distorcida, cada imagem manipulada era uma armadilha projetada para fazê-lo falhar. Para testar seu autocontrole, Sinistro projetou uma versão distorcida da própria equipe de X-Men, monstros que lembravam Bobby, Psylocke e Anjo, atacando mutantes indefesos. A raiva de Scott cresceu, quase cegando-o. Mas ele conteve o impulso, lembrando-se de que qualquer disparo precipitado poderia ferir inocentes.

Scott respirou fundo novamente, usando disciplina e estratégia. Cada pensamento era calculado, cada movimento mental deliberado. Ele começou a mapear padrões: as ilusões vinham sempre em sequências, cada distorção tinha sinais sutis de controle. Se pudesse decifrar o padrão, poderia navegar pela armadilha sem perder sua moral. A tensão era quase física. Scott sentiu o suor escorrer pelas têmporas, mas manteve-se firme. Ele percebeu que Sinistro não precisava atacá-lo fisicamente; quebrá-lo psicologicamente era mais cruel e eficiente.

“Não vou cair na sua manipulação.” — disse em voz baixa, quase para si mesmo. **“Eles estão vivos. E eu vou tirá-los daqui.”**

Com essa determinação renovada, Scott avançou, a passos lentos, calculados, ignorando as distorções ao redor. Cada passo que dava era uma vitória silenciosa sobre o terror mental que o Sinistro criava. Mas ele sabia que isso era apenas o começo. O próximo desafio seria mais direto, mais físico, mas a mente de Scott nunca estaria livre do peso da escolha. E Sinistro já estava preparando a próxima prova.

O Infiltrado

Scott avançava pelos corredores estreitos da instalação subterrânea, cada passo medido, cada sombra observada. O ar estava pesado, carregado de um odor químico que queimava levemente suas narinas. Ele sentia o perigo em cada som: o zumbido de sensores, o rangido de portas metálicas, até o sussurro de sua própria respiração. Então, um movimento chamou sua atenção. Uma figura pequena se esgueirava pelas sombras à frente, quase imperceptível. Scott apertou os punhos e ativou brevemente os feixes vermelhos de seus óculos, mas antes que pudesse reagir, a figura ergueu as mãos em rendição e falou, a voz baixa e trêmula:

“Não atire! Eu posso ajudar!”

Era uma jovem mutante. Scott percebeu rapidamente: ela era telepata, mas ainda inexperiente. Seu olhar transmitia medo, mas também determinação. Ela se apresentou: Nina. Ela tinha conseguido escapar de uma das câmaras de contenção de Sinistro e conhecia detalhes que nenhum outro mutante poderia saber.

“Eles estão usando clones... de mutantes mortos... para controlar os vivos. Se não agirmos rápido, eles vão aumentar o número de prisioneiros e usar os clones para treinar um exército,” explicou Nina, a voz quase um sussurro.

Scott sentiu o peso da informação. Cada passo e cada decisão, tornava-se ainda mais crítico. Ele percebeu que não podia mais apenas reagir, ele precisava de estratégia e precisão. Mas agora havia uma vantagem: uma aliada capaz de ajudá-lo a navegar pelas armadilhas de Sinistro. Enquanto avançavam juntos pelos corredores, Scott percebeu que a presença de Nina trazia uma nova camada de responsabilidade. Não era apenas sobre salvar os jovens mutantes; era sobre proteger alguém que dependia dele completamente. Cada escolha poderia colocar não só os reféns em risco, mas também a própria vida da garota.

“Você precisa confiar em mim... e eu preciso confiar em você,” disse Scott, a voz firme, mas com um traço de vulnerabilidade que raramente mostrava.

Nina assentiu, e juntos começaram a traçar um plano silencioso para alcançar as câmaras de contenção. Scott percebeu que, apesar do peso do fardo, a presença de um aliado, mesmo pequeno, oferecia uma faísca de esperança em meio à escuridão absoluta da operação. Mas ele sabia que Sinistro não permitiria que ninguém escapasse tão facilmente. Cada corredor podia ser uma armadilha, cada sombra podia esconder um perigo mortal.

Scott apertou os dentes, lembrando-se de que a missão não era apenas resgatar, era sobreviver, proteger e decidir quem merecia a chance de viver. E com isso, avançaram, passo a passo, para o coração da operação, um lugar onde a moral, a estratégia e a sobrevivência colidiriam de formas que Scott jamais poderia ignorar.

O Labirinto

Scott Summers avançava pelos corredores estreitos, cada passo ecoando em um espaço que parecia expandir e contrair ao mesmo tempo. A sensação de desorientação aumentava a cada instante; paredes que antes pareciam sólidas agora ondulavam, portas desapareciam e reapareciam. Era um labirinto projetado por Sinistro, não apenas físico, mas mental. Ao virar uma esquina, Scott deparou-se com figuras conhecidas, seus próprios familiares. Mas não eram exatamente eles. Destruitor, Rachel e Cable surgiam diante dele com expressões distorcidas, olhos vazios e sorrisos cruéis. Cada um parecia pronto para atacar.

O coração de Scott disparou. Ele sabia que eram ilusões, projeções manipuladas pela mente de Sinistro, mas a tensão emocional era real. Cada disparo impulsivo de seus olhos poderia destruir a ilusão... ou pior, atingir os jovens mutantes que estavam sendo usados como isca.

“Eles estão testando você, Ciclope,” a voz de Sinister ecoou, surgindo de todas as direções. ***“Não apenas sua força, mas sua moral. Quem você salvaria primeiro? Quem você deixaria para trás?”***

Scott respirou fundo, sentindo a raiva e o medo se misturarem. Cada passo adiante exigia controle absoluto. Ele começou a mover-se com cautela, usando os padrões de comportamento das ilusões para antecipar ataques e evitar confrontos desnecessários. Nina, ao seu lado, tremia, mas tentava ajudá-lo com seus poderes telepáticos limitados, detectando a presença de captos reais e diferenciais das ilusões. Scott percebeu que, mesmo com aliados projetados por Sinistro ou reais, a decisão final sempre recairia sobre ele. A cada corredor, a pressão aumentava. Sinistro manipulava o ambiente para provocar culpa e arrependimento. Scott via flashes de sua infância, erros de liderança, perdas que não podia evitar. Era impossível ignorar o peso das escolhas.

E então, no centro do labirinto, ele viu uma câmara com jovens mutantes presos, cercados por energia azul pulsante. Eles estavam conscientes, mas aterrorizados. Scott percebeu a verdade brutal: qualquer passo em falso, qualquer hesitação poderia custar a vida deles. Ele precisava equilibrar moral e ação, escolher com precisão cirúrgica, enquanto Sinistro o observava, se mantendo invisível e se antecipando a cada pensamento.

“Eu não vou falhar,” murmurou Scott para si mesmo, apertando o punho, os olhos rubis acendendo por instantes, medindo distância e ângulo.

“Não importa o que você faça Sinistro. Eu protegerei cada um deles.”

O labirinto continuava a se fechar em torno dele, testando não apenas seus reflexos, mas seu coração e sua ética. Scott Summers avançava, determinado a salvar os jovens mutantes e a confrontar o vilão, sabendo que cada escolha poderia definir não apenas o resultado da missão, mas a essência de quem ele realmente era como líder.

Confronto Final

Scott Summers avançou pelo último corredor, o ar vibrando com uma energia elétrica intensa. O labirinto psicológico e físico de Sinistro havia terminado, mas agora o verdadeiro desafio o aguardava: o núcleo da operação. À frente, uma câmara ampla, iluminada por luzes brancas pulsantes. Jovens mutantes estavam presos em campos de contenção, cercados por dispositivos que emitiam um brilho azul constante. No centro, Sinistro flutuava levemente, os olhos vermelhos brilhando com uma malícia calculada.

“Ah, Ciclope... você conseguiu chegar até aqui. Impressionante. Mas vamos testar sua verdadeira natureza,” disse Sinistro, sua voz fria ecoando pelo espaço.

Sinistro fez um gesto, e os campos de contenção começaram a brilhar mais intensamente, ameaçando ferir os mutantes.

“Você tem uma escolha simples,” continuou Sinistro, sorrindo: ***“salve os prisioneiros e eu levo uma amostra do seu DNA. Ou destrua tudo agora e evite que eu use os jovens... mas eles morrerão no processo.”***

Scott sentiu a pressão esmagadora de ambas as opções. Qualquer decisão poderia condenar inocentes. O peso da responsabilidade apertava seu peito, lembrando-o de cada escolha difícil que tivera na vida. Ele respirou fundo, lembrando-se de cada passo que o levou até ali: cada risco calculado, cada sacrifício silencioso. Sua mente avaliou rapidamente o dano potencial e a probabilidade de sucesso em cada cenário.

“Eu... não posso falhar,” murmurou para si mesmo, a voz firme, mas carregada de tensão. **“Não posso condenar essas vidas.”**

Com precisão absoluta, Scott ativou seus feixes rubis, cortando cuidadosamente os dispositivos de contenção enquanto Nina ajudava a neutralizar os sistemas de energia com sua telepatia. Cada movimento era calculado, cada decisão pensada para proteger os mutantes e minimizar o dano colateral. Quando o último campo caiu, Sinistro desapareceu momentaneamente, sua risada ecoava pelos corredores.

“Você pode ter vencido hoje, Ciclope... mas lembre-se: o futuro ainda me pertence.”

Scott segurou a respiração, observando os jovens mutantes se libertarem. Ele sentiu uma mistura de alívio e peso. A vitória era parcial mas os reféns estavam salvos, porém Sinistro ainda tinha planos que poderiam ameaçar todos. E naquele instante, Scott Summers percebeu algo fundamental: liderança não era apenas estratégia ou força. Era decisão sob pressão, ética sob risco, e a coragem de carregar o fardo mesmo quando ninguém mais podia entender. Ele olhou para Nina, e mesmo sem palavras, ambos compreenderam a gravidade do que haviam enfrentado. A batalha física podia ter terminado, mas a guerra moral e psicológica ainda continuava.

O Preço

Scott Summers permaneceu imóvel por alguns segundos, observando os jovens mutantes respirarem, chorarem e se abraçarem em silêncio. A adrenalina ainda corria pelo seu corpo, mas havia um peso diferente agora — uma exaustão que não vinha do esforço físico, mas da responsabilidade absoluta. Ele sabia que, embora houvesse salvado os reféns, Sinistro ainda tinha uma amostra de seu DNA. O vilão poderia criar clones, manipular genética, planejar algo que ele sequer podia imaginar. Cada decisão que tomava agora carregava consequências de longo prazo.

Scott respirou fundo, fechando os olhos por um instante cada rosto que havia passado pelo labirinto, cada jovem salvo, cada possibilidade de falha, gravava-se em sua mente. Ele sentiu a culpa silenciosa por não ter controlado tudo, por não poder proteger todos, e a dor de compreender que o fardo da liderança raramente tinha recompensas pessoais.

Nina se aproximou, com passos hesitantes e disse:

“Você... você fez a escolha certa, não é?”

Scott não respondeu de imediato. Ele observou o olhar dela, a esperança misturada ao medo. **“Foi a única escolha que eu podia fazer,”** disse, finalmente, a voz firme, mas carregada de uma tristeza contida. Ele percebeu que, no futuro, cada decisão seria medida não apenas pelo sucesso da missão, mas pelo custo emocional que carregava. Sinistro poderia ter perdido a batalha física, mas ainda controlava uma parte da narrativa, e agora Scott sabia que a guerra estava longe de terminar.

Enquanto se afastava da instalação, sentiu a solidão pesar mais que o próprio corpo cansado. Ele havia salvo vidas, mas o preço era a consciência de que sempre haveria um próximo desafio, um próximo teste, e que cada escolha seria mais difícil que a anterior. Ao olhar para o horizonte da cidade, Scott sentiu o peso de ser um líder, protetor e estrategista — tudo ao mesmo tempo, sem margem para erro. E naquele silêncio, ele percebeu que, mesmo vitorioso, nunca estaria realmente livre do fardo que carregava.

Silêncio no Amanhecer

O céu começava a clarear quando Scott Summers finalmente deixou a instalação para trás. A cidade de Havenbrook despertava lentamente, alheia à batalha que se desenrolara nas sombras durante a noite. Cada passo que ele dava era pesado, e não pelo cansaço físico, mas pelo peso de cada escolha que fizera. Os jovens mutantes que ele havia salvado corriam para lugares seguros, guiados por Nina. Scott os observou desaparecerem entre becos e ruas vazias, ciente de que, embora vivos, cada um deles agora carregava um pedaço do terror que haviam enfrentado. Ele se afastou da cidade, caminhando em silêncio até alcançar a beira de um penhasco que dava para o mar. O vento frio cortava sua pele, como se limpasse, ao mesmo tempo que acentuava a solidão que sentia. Scott fechou os olhos, respirando fundo. Cada memória da noite voltava em flashes: os campos de contenção, as ilusões, os rostos de jovens assustados, a tensão constante entre moralidade e ação.

Um sussurro familiar surgiu em sua mente.

“Scott... você está bem?”

Era Jean, conectando-se telepaticamente, sem perceber a profundidade do que ele havia enfrentado. Ele demorou alguns minutos antes de responder, sabendo que nenhuma palavra poderia resumir o que sentia.

“Ainda não... mas preciso estar.”

O sol surgia lentamente no horizonte, tingindo o céu de tons quentes, mas Scott não sentiu alívio. Sentiu apenas a realidade do fardo: a liderança, a responsabilidade e o peso de proteger vidas, mesmo quando ninguém mais podia ver. Enquanto contemplava o horizonte, sua tela holográfica piscou discretamente. Um padrão estranho de energia genética apareceu brevemente, diferente de qualquer coisa que ele já havia detectado. Scott franziu o cenho, sentindo o frio familiar da antecipação e do perigo.

“Isso... não acabou.” murmurou, apertando os punhos, seus olhos rubis brilhando por um instante.

Ele sabia que Sinistro havia fugido, mas algo maior estava surgindo nas sombras — algo que exigiria não apenas força e estratégia, mas toda sua coragem e liderança. O fardo continuava, e a próxima batalha já se aproximava.

O vento frio da manhã trouxe apenas silêncio. Mas Scott Summers estava pronto.